

A Poesia Popular, a Agroecologia e a Construção da Identidade Rural no Território do Pajeú

The Popular Poetry, the Agroecology and the Construction of Rural Identity in the Pajeú Territory

Caio de Meneses Cabral¹, David Gallar Hernadéz²

DOI: <https://doi.org/10.52719/bjas.v2i2.3779>

RESUMO

Este trabalho apresenta dados preliminares de pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida por estes autores. Para tal, focamos especificamente em um dos objetivos da pesquisa, que é analisar o papel da poesia popular na construção da identidade rural no Território do Pajeú. A partir desses dados, analisamos como a convergência entre a Poesia Popular Rural e a Agroecologia pode contribuir para o Fazer Agroecológico no Pajeú. A metodologia desenhada para a coleta das informações foi adaptada para o período de isolamento social decorrente do advento da pandemia provocada pelo Novo Coronavírus (*Cov-Sars-19*) e faz parte do arcabouço metodológico da pesquisa. Um dos entrevistados, ao ser questionado sobre a importância da poesia popular do Pajeú para agricultura e para a sua identidade como pajezeiro, dentre tantas outras afirmativas, poeticamente respondeu: *Sem mata, morre a cultura/De cura e de mantimento/Vindo a geração futura/Se perde o conhecimento/A terra fica doente/A população carente/Dos seus alimentos nobres/O capital tem seus picos/Os ricos ficam mais ricos/Os pobres muito mais pobres* (estrofe desenvolvida por Marquinhos da Serrinha, poeta rural do Pajeú). O diálogo entre a poesia popular e a Agroecologia parece ser um caminho estratégico para a expansão do Fazer Agroecológico. No Pajeú, pode-se dizer, em caráter preliminar, que sem Poesia Popular Rural não há Agroecologia!

Palavras-chave: Agricultura. Fazer agroecológico. Poeticamente.

ABSTRACT

This paper presents preliminary data from doctoral research that is being developed by these authors. To this end, we focus specifically on one of the objectives of the research, which is to analyze the role of popular poetry in the construction of rural identity in the Pajeú Territory. Based on these data, we analyze how the convergence between Agroecology and Rural Popular Poetry can contribute to agroecological activity in Pajeú. The methodology designed to collect the information was adapted to

¹ Universidade Federal do Piauí – caiodemeneses@gmail.com

² Universidad de Cordoba - fs2gahed@uco.es

the period of social isolation resulting from the advent of the pandemic caused by the New Coronavirus (Cov-Sars-19) and is part of the methodological framework of the research. One of the interviewees, when asked about the importance of popular poetry of Pajeú for agriculture and for its identity as a pajeuzeiro, among many other statements, poetically replied: Without killing, the culture dies/Healing and keeping/Coming the future generation/If you lose knowledge/The land gets sick/The needy population/Of its noble foods/Capital has its peaks/The rich get richer/The poor people much poorer (stanza developed by Marquinhos da Serrinha, rural poet of Pajeú). The dialogue between popular poetry and Agroecology seems to be a strategic path for the expansion of agroecological doing. In Pajeú, it can be said, in preliminary character, that without Rural Popular Poetry there is no Agroecology!

Keywords: Agriculture. Agroecological doing. Poetically.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o papel da poesia popular na construção da identidade rural no Território do Pajeú³. A partir dos conceitos de Racionalidade Ecológica (Toledo, 1992) e de Organização do Pensamento (Freire, 2007) buscou-se demonstrar as convergências que este território⁴ têm vivido ao longo dos anos e as similitudes com o que vive atualmente, no que diz respeito à relação cotidiana entre a poesia popular e a agricultura na formação da identidade pajeuzeira. A intenção é perceber de que forma essa convergência pode contribuir com o movimento agroecológico do Pajeú.

Por caminho teórico, o conceito de identidade que foi utilizado neste trabalho vem de Castells (1999), que pensa que:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais

³ Segundo o Estado brasileiro, através do Sistema de Informações Territoriais do Ministério do Desenvolvimento Agrário – SIT/MDA, o Sertão do Pajeú - PE abrange uma área de 13.350,30 Km² e é composto por 20 municípios. A população total do território é de 389.580 habitantes, dos quais 164.559 vivem na área rural, o que corresponde a 42,24% do total. Desta porcentagem, 33.804 são agricultores familiares, 1.810 famílias assentadas, 16 comunidades quilombolas e 1 terra indígena. O Índice de Desenvolvimento Humano - IDH médio é 0,65, baixo para um país que está entre as dez economias mais capitalizadas do mundo, demonstrando a divergência da distribuição dos recursos e seus resultados. O clima predominante é o Semiárido (BRASIL, 2004).

⁴ É fundamental firmar que a compreensão de território que aqui se pontua não é a de harmonia e concertação, senão a de conflitos e disputas. É no sentido do que diz Haesbaert (2007), que o território é um espaço definido e delimitado a partir de relações de poder, que vai além de entender as características geoecológicas, os recursos naturais, o que se produz e a identidade dos grupos que ocupam um determinado espaço agrário. É necessário compreender os conflitos que se desenvolvem no território, quem domina e influencia nas decisões, suas contradições sociais, seus campos de força política e a teia de relações estabelecidas pelos grupos sociais.

enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (Castells, 1999, p. 23).

Desta forma, a finalidade de fazer esta relação é a de perceber como a Poesia Popular Rural e a agricultura se encontram na formação do povo pajeuzeiro e que papel teria esta identidade posta em diálogo com a Agroecologia⁵. Como convergem positivamente para a expansão do Fazer Agroecológico no Pajeú.

O Fazer Agroecológico é uma categoria de análise utilizada por este trabalho para conformar todas as ações desenvolvidas e orientadas pelos princípios da Agroecologia em um determinado lugar e contexto. O Fazer Agroecológico pode estar presente na Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER, nas ações de transição agroecológica, nos espaços de comercialização agroecológica ou em qualquer experiência social que comunga dos princípios da Agroecologia para orientar as ações.

A Poesia Popular Rural tem sido parte importante na reprodução da vida pajeuzeira. A Poesia Popular Rural é uma categoria de análise que está sendo adaptada para este trabalho, com o objetivo de unir numa única mirada a Poesia Popular e a Cultura Rural, para a construção de um olhar que permita a compreensão da vida dos Poetas Rurais do Pajeú. Poeta Rural é a outra categoria de análise aqui trabalhada, utilizada para compreender esses sujeitos que são ao mesmo tempo poetas populares e agricultores familiares do Sertão do Pajeú.

Nesse sentido, este é um estudo que se propõe a trabalhar no Território do Pajeú a partir da inter-relação de duas dimensões do modo de vida pajeuzeiro, a agricultura e a poesia popular, experimentando fazê-las dialogar em caráter preliminar de pesquisa e análise, com a Agroecologia. Na verdade, estas primeiras dimensões estão marcadas na construção da identidade das pessoas do território, e olhar para a sua relação é a chave de leitura que orientará as análises deste trabalho.

Duas hipóteses estão preliminarmente testadas nessa narrativa: **a)** a correlação dessas duas dimensões (agricultura e poesia popular) é intrínseca à vida rural no Pajeú; e **b)** a relação entre a poesia popular e a agricultura são importantes para a expansão do fazer agroecológico. Para responder refletir sobre tais hipóteses, surge o questionamento acerca de como os Poetas Rurais vivenciam a relação entre Poesia Popular Rural e a agricultura em suas vidas e como

⁵ O conceito de Agroecologia que orienta esse trabalho é o de (Petersen et. al., 2017), que afirma a Agroecologia como uma Ciência multidisciplinar encarregada de experimentar, pensar e atuar sobre os desafios contemporâneos do mundo rural; como um Movimento Social capaz de mobilizar forças para propor uma reflexão e mover uma luta na defesa dos direitos da natureza, das pessoas e dos territórios rurais; e uma Prática, construída a partir dos saberes das populações rurais em diálogo com saberes científicos e reconhecida como conhecimento imprescindível para o mundo rural.

essa inter-relação contribui ou não para o processo de expansão do Fazer Agroecológico no Pajeú.

O objetivo deste artigo é analisar o papel da poesia popular na construção da identidade rural no Território do Pajeú e sua convergência com a expansão do Fazer Agroecológico local. Desta maneira, ao apresentar o sujeito dessa pesquisa como sendo os Poetas Rurais do território e os objetos da pesquisa como sendo a Poesia Popular Rural, a agricultura e a Agroecologia, surge o desafio de desenhar um arcabouço metodológico que dê conta de olhar para esse território à luz dessa de seu contexto e de sua complexidade.

2 METODOLOGIA

O marco teórico desta análise busca encontrar caminhos de diálogos entre a agricultura e a poesia popular rural na convergência para o fortalecimento da Agroecologia. A partir dos conceitos de Racionalidade Ecológica (Toledo, 1992) e de Organização do Pensamento (Freire, 2007) trilhou-se esse caminho, pois entendeu-se que o tecido social rural do Pajeú se constrói a partir de relações importantes entre poesia popular e agricultura num cenário em que a forma de organizar o pensamento está intrinsecamente associada a uma racionalidade rural e ecológica que se materializam através da Poesia Popular Rural dos Poetas Rurais.

Surgiu, pois, a necessidade de desenhar um arcabouço teórico que fosse capaz, por um lado, de enriquecer a análise de maneira ecológica e relacional; e por outro lado, de reconhecer nas relações da vida, a diversidade inerente à formação da identidade. Outrossim, a partir desse desenho poder estabelecer convergências entre o Fazer Agroecológico e a identidade dos Poetas Rurais.

As entrevistas aconteceram com o auxílio de Instrumentos Colaborativos Não Extrativistas (Santos & Meneses 2009), Entrevistas Narrativas (Fasanello, Nunes, & Porto, 2018), Observação Participante (Brandão, 1980) e uso do aplicativo *on line WhatsApp*.

Foram entrevistadas seis pessoas⁶, de cinco municípios do Pajeú⁷. Destas, cinco são Poetas Rurais que vivem em comunidades. Uma das pessoas entrevistadas vive em uma área urbana municipal. Este último, Antônio Marinho, de 33 anos e morador de São José do Egito,

⁶ As cinco pessoas entrevistadas por *WhatsApp* tiveram acesso ao roteiro de perguntas e contaram com a disponibilidade dos autores para o esclarecimento de quaisquer dúvidas. Os dados foram devolvidos e apresentados por elas através do envio de mensagens de texto e de áudio, que depois de transcritos, passaram a compor parte do acervo bibliográfico levantado por esta pesquisa.

⁷ As pessoas entrevistadas concordaram em ter os seus nomes divulgados na apresentação do texto, estando identificadas por nome e sobrenome, idade e comunidade rural da qual se sentem parte.

é responsável pela organização do Festival Louro do Pajeú⁸, evento que concentra poetas e admiradores da poesia popular da região.

Das seis entrevistas, uma delas foi realizada de maneira presencial, com Marquinhos da Serrinha, de 33 anos, morador do Sítio Serrinha, São José do Egito. Essa entrevista aconteceu mediada pelo instrumento que possibilita entrevistas narrativas (Fasanello *et al.*, 2018), que permitiu que acontecesse uma prosa poética entre um dos autores deste artigo e o entrevistado. As informações foram captadas com o auxílio de gravador de áudio e transcritas para o caderno de campo desta pesquisa. Esta entrevista aconteceu no dia 6 de janeiro de 2020, no município de São José do Egito, quando acontecera o IX Festival Louro do Pajeú.

Este Festival faz parte dos objetos estudados nessa pesquisa e foi observado através do instrumento de Observação Participante (Brandão, 1980). Foram realizadas anotações e captadas imagens acerca das apresentações realizadas durante o evento e de depoimentos do público participante, para posterior análise de sua contribuição para esta pesquisa.

As outras cinco entrevistas aconteceram respeitando o isolamento social vigente no Brasil desde 11 de março por consequência da pandemia provocada pelo Novo Coronavírus (*Cov-Sars-19*)⁹. Para facilitar as entrevistas, foi realizada uma prévia articulação com as pessoas com posterior convite, e em seguida apresentada a proposta da pesquisa e da referida entrevista¹⁰.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Sertão do Pajeú é um território localizado no estado de Pernambuco, na região do Nordeste brasileiro. Historicamente este território presenciou a formação social de um povo galgada entre a agricultura e a poesia. Desde o século XVII até os dias atuais, sua população vivenciou ciclos históricos da colonização e da modernização brasileira e constituiu uma realidade em que as atividades decorrentes de seu contexto político, social e ambiental fizeram dessa terra um lugar de produção agrícola e poética.

Quando observamos sua dimensão agrária, sabe-se que o sertão foi integrado à colonização portuguesa no século XVIII, graças a movimentos populacionais partidos de

⁸ Para saber mais sobre o Festival Louro do Pajeú, acessar a página no *Fabebook* do Instituto Lourival Batista em: <https://www.facebook.com/institutolourivalbatista>.

⁹ Para saber mais sobre a Portaria Nº 356, acessar: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>.

¹⁰ Foram desenhados dois roteiros distintos. Um deles para entrevistar as cinco pessoas residentes em comunidades rurais e o outro para a entrevista realizada com o organizador do Festival Louro do Pajeú.

Olinda e Salvador. Neste período, os povos originários foram sendo mortos ou afugentados e os poderosos senhores de terra, pela amizade junto aos Governadores Gerais, estabelecendo fazendas para criação de gado, com a presença de camponeses europeus e escravos africanos, e com o objetivo de abastecer Bahia e Pernambuco de carne e trabalho animal (Andrade, 2011).

A pecuária foi a principal atividade agrícola que atraiu o interesse da colônia portuguesa sobre os sertões. Indo em busca de terras férteis e próximas aos rios¹¹, os colonizadores foram expandindo seus rebanhos e povoando a região. Esse período da cultura da pecuária bovina que ficou conhecida como a Civilização do Couro (Coelho, 1985) se confunde com a própria estrutura agrária brasileira, sendo o latifúndio, a exploração do trabalho e a criação de apenas uma cultura produtiva, os regentes da atividade (Andrade, 2011).

Considerou-se importante resgatar essas informações sobre a história agrária do sertão nordestino, porque a poesia do Pajeú está intrinsicamente imbricada nessa realidade, sobretudo nas atividades agrícolas, que eram as mais importantes fontes de trabalho e renda daquela época. Naquele contexto, os fazendeiros, escravos e camponeses eram também os poetas que estavam começando a desenvolver a identidade poético-cultural daquele lugar.

Segundo Soler¹² (1978), esta cultura da poesia se desenvolveu nesta região porque a população vinda da península ibérica (que fora dominada pelos árabes por 800 anos de 711 até o ano de 1492) e que adentrou para os sertões do Nordeste brasileiro era profundamente influenciada pela cultura árabe. Para o autor, todavia, quem trouxe para esta parte do Brasil a musicalidade e a poética vivenciadas ali não foram os nobres transplantados de Portugal e Espanha, mas a população de nível soldadesca - de camponeses e pequenos comerciantes, de párias e buscadores de fortuna.

A viola e a rabeça faziam parte do matulão¹³ desses colonos pobres de maneira que os instrumentos se fixaram nos sertões depois do século XVII, fazendo parte de cantares e improvisações de poetas repentistas que esculpem a identidade da região com musicalidade e poesia até os dias atuais (Soler, 1978).

¹¹ A história oral desta região afirma que o Sertão do Pajeú se chama assim por conta de seu rio, batizado com o mesmo nome Pajeú pelos povos originários da etnia Cariri que ali vivem. O rio Pajeú fora utilizado para sustentar a criação de gado no contexto supracitado. A palavra Pajeú, na língua Tupi, significa (*Pajé = Pajé + Ú = Rio*) rio que alimenta o Pajé.

¹² Luis Soler era catalão e foi professor de violino na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Em seu livro *As raízes árabes na Tradição Poético-musical do Sertão Nordestino* ele desenvolveu esta teoria explícita no próprio título de seu livro, aceita até hoje pelos historiadores dessa temática na região.

¹³ Matulão é uma espécie de bolsa utilizada em viagens, geralmente feita de couro de boi ou de bode, tradicionalmente usada por pessoas do sertão nordestino.

Segundo Melo (1995), o poeta repentista¹⁴ parece ter surgido no Nordeste no Século XIX. Poetas como Agostinho Nunes da Costa, que nasceu em 1797 e morreu em 1858, e Hugolino Teixeira nascido em 1832 e falecido em 1895 foram talvez os primeiros vates reconhecidos como poetas no Sertão. No entanto, devido à política colonial brasileira e à proibição da existência de gráficas que poderiam ter registrado a cultura oral do sertão, há um vazio de 300 anos sobre a história poética quanto aos registros da literatura oral, o que remeteria ao século XVI, no início de seu povoamento (Melo, 1995).

Ainda assim, segundo Cascudo (2005), registros históricos e antropológicos apontam que pode ter havido no sertão nordestino até o início do século XX, cinco mil poetas improvisadores espalhados pelo território cantando nos mais diversos temas da improvisação (de matriz árabe e/ou ibérica). Segundo o autor, muitos desses cantadores conciliavam a atividade artística da improvisação com os trabalhos agrícolas, sendo poetas e ao mesmo tempo camponeses, que a título de análise estão categorizados neste trabalho como Poetas Rurais. Cascudo (2005) chama a atenção ainda para o fato de que pode ter havido uma fusão entre as culturas europeias, autóctones e africanas na composição da poética sertaneja, não sendo possível caracterizá-la como sendo uma cultura de uma origem apenas.

Ao se deparar com essa paisagem histórica pode-se dizer que o Sertão do Pajeú mudou com o passar dos séculos, mas manteve parte de sua identidade preservada. É esta a impressão que surge à partir da comparação estabelecida entre o que fora vivido por esse território no que diz respeito aos seus costumes poéticos praticados entre os séculos XVII e XX e os dias atuais. Obviamente muitas mudanças ocorreram na organização social desse território, sobretudo quanto ao seu processo de modernização rural capitalista (Prado, 1970), mas alguns aspectos da vida relacionados à identidade rural parecem ter transitado através do tempo.

É a partir da história desse território que este trabalho se propôs a pensar sobre como a identidade do povo do Pajeú, construída em torno da relação entre a poesia popular e a agricultura, mostra-se importante para a Agroecologia e para a expansão do Fazer Agroecológico. Se o Pajeú tem a poesia e a agricultura intrínsecas à sua vida, que papel pode ter a Agroecologia para fortalecer a agricultura e que papel tem a agricultura para a poesia? Se elas não se separam, a agricultura e a poesia, como podem caminhar juntas no Fazer Agroecológico? Será que o que alimenta a identidade do povo do Pajeú é importante para a Agroecologia?

¹⁴ Poeta repentista é um poeta popular que faz versos de improviso, a partir de um mote ou tema oferecido por uma plateia. Ele compõe parte da tradição da literatura oral e de cordel, sobretudo do Nordeste brasileiro.

Ao trazer essa discussão para os dias atuais, sabe-se que por um lado este território é um dos pioneiros no Fazer Agroecológico brasileiro, o que remonta a 30 anos atrás o desenvolvimento de projetos e a construção de uma teia de relações políticas que lhe garante como uma referência em Agroecologia para todo o Brasil. Ademais, o Pajeú é um dos territórios que formam a rede agroecológica brasileira, onde estão sediadas organizações¹⁵ fundamentais para o movimento agroecológico. Estas organizações têm mobilizado no território ações que objetivam a recondução socioambiental das comunidades rurais a partir da transição agroecológica (Santos, 2017).

A entrada da Agroecologia no Pajeú se deu como estratégia ao desenvolvimento rural capitalista, para poder enfrentar a pobreza rural e com a preocupação da destruição acelerada do bioma Caatinga¹⁶. Era a criação de um movimento de recondução socioambiental da população para um modelo de produção e socialização que estivesse baseado na solidariedade e na convivência com o Semiárido¹⁷. A introdução e a continuidade dessas ações foram garantidas durante trinta anos pelo financiamento internacional advindo das parcerias das organizações da sociedade civil e em parte, especialmente entre os anos de 2003 e 2015, pelo Estado brasileiro (Santos, 2017).

A partir da introdução de recursos humanos e financeiros para a promoção de políticas públicas capazes de movimentar o território em torno do movimento agroecológico, viveu-se no Pajeú a criação de articulações em redes, a abertura de espaços de comercialização agroecológica e o diálogo com a sociedade sobre a importância da Agroecologia para o Pajeú. Uma das primeiras feiras agroecológicas do Brasil, a Feira Agroecológica de Serra Talhada – FAST, está situada no Pajeú, no município de Serra Talhada, e denota a importância e o acúmulo do movimento agroecológico para a região (Godoy, Gonçalves, Azevedo, Fontes, & Paulo, 2011).

Atualmente, há um contexto de descontinuidade dessas ações, surgido principalmente por conta da ausência e da dependência do financiamento público e/ou internacional para garantir que as atividades possam acontecer nos territórios. O que é vivido hoje em dia chama

¹⁵ Dentre outras organizações que fazem parte da ANA – Articulação Nacional de Agroecologia e da ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro, no Pajeú pode-se encontrar o trabalho do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, da Casa da Mulher do Nordeste, do Centro de Educação Comunitária Rural – CECOR, da Diaconia, da ADESSU Baixa Verde, do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste – MMTR, do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido – NEPPAS.

¹⁶ Para saber sobre a Caatinga, ler: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C.; Ecologia e conservação da caatinga. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003. 822 p. : il., fotos, mapas, gráf., tab.

¹⁷ Para saber sobre o conceito de Convivência com o Semiárido, ler: SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o Semi-Árido**: políticas públicas e transição paradigmática. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 38, nº 3, jul-set. 2007.

a atenção sobre como o movimento agroecológico poderia se reorganizar e continuar no seu processo de mobilização da população rural em torno de um modelo de desenvolvimento rural agroecológico, com mais independência com relação à entrada de recursos externos.

Por outro lado, voltando o olhar para a Poesia Popular Rural, o Pajeú continua com essa sua identidade intensamente afluída, o que permite fazer-se uma relação entre o que se vive nos dias atuais com a própria formação do território. Seja através da oralidade, da musicalidade ou da poesia escrita, parece que a identidade rural do Pajeú se construiu de uma forma que não está centralizada apenas no trabalho agrícola, mas também no valor poético da vida. Através da poesia popular que ali é celebrada, o povo pajezeiro construiu sua identidade de maneira que sem poesia, aparentemente, não há como estabelecer as outras dimensões da vida.

É nesse contexto que a Poesia Popular Rural e a Agroecologia se encontram nesse trabalho - num momento em que o fazer agroecológico tem se expandido no Brasil, sobretudo nos últimos 15 anos, graças ao acúmulo de forças decorrente do encontro de diversos campos do saber e da ação agroecológica brasileira. Este cenário tem provocado pedagogicamente a Agroecologia brasileira a se pensar a partir da diversidade que emerge da Ciência, do Movimento e da Prática que formam seus pilares (Petersen, Luciano, Gabriel, & Silvio, 2017).

Ao partir desse cenário, apresenta-se as entrevistas e suas importantes contribuições para que se possa continuar analisando esse mosaico de informações e avançar na compreensão dessas tantas relações que são vivenciadas na formação da identidade pajezeira e na possibilidade de convergir Poesia Popular Rural e Agroecologia.

As entrevistas trouxeram evidências fundamentais que vão desde a relação feita entre a agricultura e a poesia popular, até o valor dessa poesia para as pessoas e suas comunidades. Reflexões sobre a agricultura, a política, o meio ambiente, a comunicação, a coletividade, surgiram nas entrevistas, de maneira que se pode afirmar que a poesia é um instrumento que as pessoas usam para ler o mundo e para participar dele através de sua identidade, denotando presença marcante de uma Racionalidade Ecológica (Toledo, 1992) e de uma Organização do Pensamento (Freire, 2007) que unem de maneira complexa estes elementos da vida.

Um dos entrevistados, Marquinhos da Serrinha, ao ser questionado sobre a importância da poesia popular do Pajeú para agricultura e para a sua identidade como agricultor, dentre tantas outras afirmativas, poeticamente respondeu que *“Sem mata, morre a cultura/De cura e de mantimento/Vindo a geração futura/Se perde o conhecimento/A terra fica doente/A população carente/Dos seus alimentos nobres/O capital tem seus picos/Os ricos ficam mais ricos/Os pobres muito mais pobres.”*

Nesse fragmento percebe-se que a narrativa poética tem sido uma ferramenta de organização dele sobre o seu mundo. Essa maneira de organizar o pensamento através da poesia e expressar em versos o que pensa sobre a vida, parece ser um elemento central na formação da identidade do povo do Pajeú. Essa cosmovisão (Toledo & Barrera-Bassols, 2008) evidencia fortemente a relação entre a natureza, a agricultura e a poesia popular.

Noutra entrevista, Dayane Rocha, de 25 anos e moradora de Brejinho, município de Tabira, conta que:

Me encanta quando os agricultores sabem todo o processo que acontece na lavoura, desde quando vai sair uma lagarta numa folha até quando o milho vai ficar bonecado, e transformar esse saber em poesia. E quando a gente liga a poesia com a agricultura, a gente não necessariamente tem que falar do feijão quando vai ficar bom, da flor quando vai desabrochar. A poesia nesse sentido é muito forte pra gente denunciar as questões sociais, dos projetos que não chegam até a gente.

Essa maneira de sentir a poesia popular e a agricultura inseparáveis também foi observada no depoimento de Odília Nunes, de 38 anos e moradora da Comunidade Minadouro, município de Ingazeira, que nos revela com uma presença marcante de sua racionalidade ecológica:

Aqui na comunidade não tem separação entre poesia e agricultura. Todo mundo aqui na comunidade declama ao menos um verso quando a chuva vem e qualquer agricultor daqui, por mais humilde que seja, que não sabe nem o que é uma rima, não sabe o que é métrica, ele fala metrificado. Quantas vezes eu já vi os agricultores meus vizinhos dizendo um verso para o pica-pau, falar da chuva quando bate na terra e o sapo aparece? Enfim, não tem separação! É muito forte como a musicalidade da gente naturalmente já é a poesia popular.

Se a poesia popular do Pajeú tem essa racionalidade e essa organização para a vida das pessoas, como a Agroecologia poderia dialogar com essa realidade? Como a Agroecologia seria recebida pelos Poetas Rurais e como eles seriam recebidos pela Agroecologia?

Segundo (Cabral, Hernández, & Sanchez, 2019), a Cultura Popular Camponesa tem se reproduzido como uma expressão do modo de vida camponês e como uma estratégia de fortalecimento dos povos em seus territórios. Ao preservar seus costumes e tentar conduzir entre gerações suas tradições, os agricultores têm fortalecido sua identidade e desenvolvido estratégias de resistência para a proteção de seus territórios.

Nesse sentido, a entrevista de Lenelson Piancó, de 42 anos e morador do Sítio Maniçobas, no município de Itapetim, traz uma reflexão sobre essa relação entre a poesia popular, a agricultura e a formação de sua identidade, quando ele revela que:

Quando a minha poesia se junta com a de outros poetas se torna uma identidade da comunidade. São várias formas de pensar que reunidas formam a cultura, ou seja, a identidade de um povo. Isso a gente vê mais característico aqui no Pajeú. É como se o Pajeú tivesse uma alma coletiva de todos os poetas. A gente tem essa cultura da poesia e ela acaba moldando o costume do sertanejo de uma forma tão forte que a gente não pode descolar um do outro mais.

Já Francisca Araújo, de 24 anos e moradora do Sítio Baixa Grande, no município de Iguaracy, refletindo quanto à manutenção dessa tradição poética na vida rural do Pajeú, afirma que começou a escrever poesia “...com 14 anos de idade inspirada nos folhetos de cordéis que lia na infância.” Ela conta que foi influenciada pelos programas de rádio, que apresentavam canções de aboio¹⁸ e cantorias de viola, e também pelo pai, que é agricultor, cantor e tocador de sanfona e de violão.

Essa identidade da poesia popular do Pajeú também se expressa em eventos poéticos espalhados por todo o território. Como já citado anteriormente, o Festival Louro do Pajeú é uma expressão importante desses acontecimentos. Entender a importância dessas realizações é fundamental para perceber a capacidade coletiva de manifestação dessa identidade poética do Pajeú e a potencialidade que pode ser acionada através dos elementos da cultura popular do território.

Ao entrevistar Antônio Marinho, que é organizador do Festival Louro do Pajeú, percebeu-se enfaticamente essa expressão coletiva da identidade e a relação entre a poesia popular e a agricultura no Pajeú:

A Festa de Louro é importante nesse sentido do fortalecimento da identidade através do cultivo do diálogo. Acho que é essa a grande contribuição da festa de Louro. Nunca é só o nosso repente que está na festa. Nunca é só a nossa poesia glosada e escrita. A gente traz diversas formas de poesia pra dialogar com a nossa. Isso deixa a gente cada vez mais apaixonados pelo Pajeú. Aqui na região tem cantoria nos sítios toda semana. Isso é uma conexão muito forte. Eu acho que é um duplo alimento, o agricultor que alimenta a gente a partir da terra e a poesia alimenta a alma também a partir da terra, porque a terra continua sendo o grande tema da cantoria.

¹⁸ O aboio é uma forma de cantar característica dos vaqueiros da Região Nordeste do Brasil. Ele é marcado por verbalizar poucas palavras e muitos sons vocais, que são utilizados para fazer a comunicação com o gado.

A identidade das pessoas do Pajeú rural é constituída de um diálogo profundo com o seu contexto, com a poesia e a agricultura misturadas. Essa relação entre o trabalho agrícola e a festa, do ritual com o artesanal, do técnico com o lúdico, faz com que se possa estabelecer esse olhar para os sujeitos dessa pesquisa com grande sensibilidade. É dessa complexidade que essa pesquisa aponta para um aprofundamento dessa discussão, ao perceber que parece ser imprescindível, para o caso do Pajeú, estabelecer convergências que deem conta de estabelecer uma narrativa capaz de fazer dialogar sua experiência com Agroecologia e sua tradição poética rural.

Segundo Brandão (2009), em inúmeras situações o trabalho produtivo e o trabalho simbólico fundem seus tempos e as lógicas de suas relações sociais. Para o autor, entre a cultura e a razão prática, existe algo mais, carregado de sentidos e indispensável para o entendimento dos sujeitos rurais. Não se pode compreender essas comunidades sem levar em consideração suas expressões artísticas e suas celebrações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia popular continua sendo elemento importante da formação da identidade rural do Pajeú. Observa-se uma semelhança entre os dias atuais com o que se vivia nesse território no início da sua formação, com a presença marcante da oralidade poética que se vivera na época.

Ao observar a expressão dessa identidade da população rural do Pajeú, é possível afirmar que há um campo aberto e necessário para pensar e também perceber como a Agroecologia e a poesia popular podem convergir nesse território para o fortalecimento de ambas e para a proposição da construção de um processo de expansão do Fazer Agroecológico no Pajeú. Se a Agroecologia pode passar a fazer parte do modo de vida das pessoas, seu encontro com a identidade delas é talvez o caminho para a consolidação desse fazer complexo.

Outrossim, a Poesia Popular Rural denota uma força para a articulação da Agroecologia no território, pois se historicamente ela tem cumprido um papel na comunicação e na própria reprodução desse povo, ela pode efetivamente assumir um papel fundamental para o processo de articulação e expansão do Fazer Agroecológico no Pajeú. Seja através da vivência cotidiana de cada Poeta Rural ou da manifestação coletiva da poesia através da realização de eventos poéticos, a poesia sempre aparece associada à vida rural no Pajeú.

Fazer a Agroecologia/Se encontrar com a cultura/É saber da poesia/Que há na agricultura/Cada verso enaltecido/Aumenta mais o sentido/De ser o que está vivendo/Cantar a vida no chão/Colher o verso na mão/Ficar cantando e colhendo.

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. C. (2011). *A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste* (8a ed.). São Paulo: Cortez.
- Brandão, C. R. (1980). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, C. R. (2009). O Trabalho como festa: Algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. São Paulo: UNESP.
- Cabral, C. M., Hernández, D. G., & Sanchez, I. V. (2019, setembro 12) Diálogos e convergências entre a agroecologia e a cultura popular camponesa para a transição agroecológica brasileira. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 14, 97 - 107.
- Cascudo, L. C. (2005). *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Global.
- Castells, M. (1999). *O Poder da identidade* (2a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Coelho, J. (1985). *As secas do Nordeste e a indústria das secas*. Petrópolis: Vozes.
- Fasanello, M. T., Nunes, J. A., & Porto, F. S. P. (2018, dezembro). Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*, 12, (4), 396-414. doi <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i4.1527>. Retirado de <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1527>
- Freire, P. (2007). *Ação cultural para a liberdade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Godoy, I. A., Gonçalves, B. D. F., Azevedo, J. M., Fontes, C. Z. A., & Paulo, M. A. L. (2011). Feira Agroecológica de Serra Talhada – FAST: Espaço de sociabilidade e reciprocidade. *Anais da Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX – UFRPE*, Recife, PE, Brasil, 11.
- Melo, A. C. (1995). *Um certo Jó Patriota*. Recife: SINDESEP.
- Prado Júnior, C. (1970). *História econômica do Brasil*. Brasília, DF: Brasiliense.
- Petersen, P., Luciano, M. S., Gabriel, B. F., & Silvio, G. A. (2017). *Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas* (1a ed.). Rio de Janeiro: AS-PTA.
- Santos, B. S., & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.

Santos, G. G. (2017). *As Mulheres na política e a política na vida das mulheres: Olhares sobre a ATER mulher no Sertão do Pajeú - PE*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Soler, L. (1978). *As Raízes Árabes, tradição poético-musical do Sertão Nordestino*. Recife: Editora Universitária.

Toledo, V. M. (1992, diciembre). La Racionalidad ecológica de la producción campesina. *Revista de CLADES*, 5/6.

Toledo, V. T., & Barrera-Bassols, N. (2008). *La Memoria biocultural: La importância ecológica de las sabidurias tradicionales*. Barcelona: Icaria Editorial.